

“CONHEÇO OS NOMES DAS LETRAS DO ALFABETO, MAS NÃO CONSIGO JUNTÁ-LAS”

CARMO, Danielsie Silva doⁱ; BENETI Hercília Maria Fayãoⁱⁱ; REIS Márcia Santos Anjoⁱⁱⁱ; BORGES Marta Maia de Assis^{iv}

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem, Alfabetização, Formação de professores.

1. JUSTIFICATIVA / BASE TEÓRICA

A oportunidade de participar de um projeto de pesquisa que resulte em produção de conhecimentos científicos, buscando novas perspectivas para o ensino/aprendizagem da língua escrita, e reflexões sobre os conhecimentos necessários para a formação do professor alfabetizador, é altamente significativo e gratificante. A alfabetização tem sido um tema bastante discutido nos últimos anos e se faz necessário compreender a sua natureza. O conflito entre teorias é fundamental para o progresso do conhecimento, assim como a compreensão sobre as visões de mundo, de homem e de sociedade que as sustentam para que se possa fazer um trabalho docente consciente e eficaz.

Estamos vivendo um contexto de múltiplas linguagens e, com o avanço tecnológico, novas exigências de aprendizagem são impostas a todo instante ao homem, principalmente aos que estão vivendo em sociedades letradas. Dentre esses conhecimentos que se requer dele, nesse contexto histórico, a aquisição e apropriação da linguagem escrita é importante e necessária até para a sua própria sobrevivência.

Segundo Soares, 1988, a leitura pode ser instrumento de reprodução e de opressão, expressando valores de uma classe social que mantém a posse e o controle dos bens de produção; ela também pode criar espaços de antagonismos e contradições porque é um processo político. Quem não se apropria dela fica marginalizado e sente vergonha da sua situação na sociedade.

Contamos, em nosso país (que não é significativamente diferente dos demais, mas que tem características específicas) com um número expressivo de adultos, que, por diferentes razões, não tiveram acesso aos bens culturais. Essa situação de contradição tem sido, ultimamente, muito discutida e, ao mesmo tempo, explorada por grupos políticos.

Em Jataí o número de pessoas adultas analfabetas ou analfabetas funcionais é muito grande, e cabe a universidade a responsabilidade de oferecer momentos de discussões sobre esse fato e auxiliar na formação de professores alfabetizadores.

Nos últimos anos muito se fala em “acabar” com o analfabetismo, porém as ações concretas eficientes são poucas. Muitos adultos que freqüentam projetos de alfabetização saem “copistas”, sem entender o sistema da escrita, e mais uma vez acabam desanimando com sentimentos de fracasso. Ferreiro, 1993, critica os discursos da linguagem oficial “luta contra o analfabetismo”, “erradicar o analfabetismo”, praga, vergonha nacional, enfermidade linguagens militares e da saúde pública que não deveriam caber nesse contexto.

A natureza da alfabetização é complexa e requer a contribuição de várias ciências, principalmente da Psicologia, Pedagogia, da Lingüística e áreas afins, sem excluir outras. Cabe ao curso de Pedagogia oferecer todos esses conhecimentos aos seus alunos para que tenham oportunidade de refleti-la e entendê-la.

Com certeza, todos nós conhecemos adultos que apenas “desenham” as letras do alfabeto, e alguns nem isso; e envergonhados se escondem para que a sociedade não os discrimine. Assim é preciso investir em estudos que possam auxiliar o professor alfabetizador, e lutar para que ele seja reconhecido como aquele que possui um conhecimento específico, necessário para mediar e ensinar a linguagem escrita.

Dar às pessoas novas oportunidades de vida por meio da alfabetização significa mudar suas perspectivas de vida. Ensinar apenas a copiar o nome próprio, com as letras do alfabeto, sem explicar o sistema da escrita, não possibilitando a sua apropriação, é oferecer muito pouco a quem já carregou o estigma de analfabeto por vários anos. Mesmo sabendo

da importância que o analfabeto adulto dá para a aprendizagem da sua assinatura, esse fato só deve servir-lhe de estímulo. É preciso oferecer a ele condições de aprendizagem para o exercício da linguagem escrita em todas as suas funções sociais. Essa auto-realização não pode ser negada ao adulto analfabeto, mas também não é concretizada por meio de uma aprendizagem mecânica; é preciso compreender tanto o caráter simbólico da escrita, entendendo-a como um sistema de signos cuja essência está no significado subjacente a ela (esse significado é determinado historicamente, culturalmente e é compartilhado pelos membros da comunidade), como os usos sociais da escrita (as diferentes formas que a sociedade utiliza essa escrita).

O desafio que se coloca hoje aos alfabetizadores é como desenvolver o processo de alfabetização numa perspectiva de letramento, que é definido como “o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever, ou seja, o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES apud LEITE, 2001:30). O indivíduo com um bom nível de letramento usufrui melhor de outra condição social e cultural, mantém relações mais adequadas com outras pessoas, com os bens culturais e consigo mesmo – em diferentes contextos sociais.

O processo de alfabetização implica o compromisso político dos educadores envolvidos, e a base para esse envolvimento é entender como desenvolvê-lo.

É preciso oferecer para os alfabetizandos uma grande interação com a escrita, participação em eventos de letramento, contatos com textos reais, para que eles possam elaborar hipóteses sobre a estrutura do sistema da escrita, a partir do conhecimento que eles adquiriram nas experiências de vida – isso tudo não pode ser ignorado. É necessário que o adulto analfabeto reconquiste a sua dignidade, muitas vezes ultrajada pelas humilhações por não saber ler e nem escrever.

Apesar de, em nossa sociedade, muitas pessoas da terceira idade já sentirem o peso da velhice, decorrente de maus tratos com a saúde, trabalho físico e da dura jornada da vida, acreditamos que esses indivíduos, mesmo os aposentados, ainda têm muito a contribuir e a usufruir, pois o direito de ter acesso aos bens culturais é de todos. O analfabetismo não é um problema em si, mas a expressão concreta de uma situação de distribuição injusta de bens, inclusive culturais.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral: Por meio desta pesquisa, queremos entender os fatores que interferem na aprendizagem da leitura e da escrita dos adultos, principalmente os da terceira idade.

Objetivos específicos:

- Provocar durante a pesquisa questionamentos e incertezas quanto o processo de alfabetização de jovens e adultos a partir dos estudos das teorias já existentes, e buscar gerar novos conhecimentos que possibilitem entender as causas que possam influenciar nessa aprendizagem.
- Oferecer aos alfabetizadores oportunidade e condições de refletirem a sua prática e o próprio processo de alfabetização.
- Melhorar a nossa formação acadêmica por meio da participação de um trabalho responsável de iniciação à pesquisa.

3. METODOLOGIA

- Pesquisa bibliográfica: para entender o problema a partir dos referenciais teóricos, a seguir.
- Pesquisa de campo – durante três dias da semana acompanharemos os 15 alunos da sala de alfabetização de adultos, campo da pesquisa, e quinzenalmente serão submetidos a um processo de avaliação diagnóstica, por meio de produções escritas. Os fatos observados e dados coletados serão avaliados a partir de nossos estudos, sobre a orientação do professor pesquisador coordenador, buscando entender uma explicação para a realidade pesquisada e as relações entre os fenômenos que a compõe.

- Instrumentos de coleta de dados: entrevista com os alunos, buscando conhecer suas histórias de alfabetização e relações com a linguagem escrita; textos elaborados por eles, que serão coletados e analisados; caderno de registro de observações, filmagens e fotos de momentos significativos da pesquisa de campo.

4. ANÁLISE DOS DADOS RECOLHIDOS ATÉ O MÊS DE AGOSTO DE 2005

Esta pesquisa trata-se de um estudo sobre a alfabetização de adultos, principalmente na terceira idade. O grupo selecionado faz parte do Projeto Alfabetização de Adultos cadastrada na PROEC: CAJ – 03, que funciona nas instalações do CAJ/UFG em parceria com o Rotary Clube e secretaria Municipal de Educação. A maioria dos participantes são alunos que estão no projeto há vários anos e não conseguiram alfabetizar-se. O fato de queixarem que conheciam apenas os nomes das letras do alfabeto, mas não conseguiam juntá-las (título que acabou dando nome a este projeto), levou nos a elaboração desta pesquisa, buscando conhecer os fatores que pudessem estar influenciando o não-aprendizado da leitura e da escrita.

O primeiro contato com os alunos deu-se em 07 de março de 2005 e neste dia foram aplicados testes diagnósticos para saber os conhecimentos que tinham sobre a linguagem escrita. Ficou evidente a insegurança que deixavam transparecer e a vergonha por serem analfabetos, buscando justificar, a todo instante as suas limitações como: "... eu já esqueci tudo o que aprendi...", "... eu tenho a cabeça ruim...", "... a senhora não vai entender nada...". A idéia de "que não sabiam nada" estava enraizada em cada um.

A análise dos dados levou-nos ao seguinte resultado: sete adultos desenhavam o nome, sem saber os nomes das letras e suas funções; um deles não traçava nem seu nome e os oito restantes, além de traçar o nome conseguiam identificar algumas letras.

Nas entrevistas realizadas foram relatadas histórias comoventes como: Maria das Graças contou-nos que foi advertida pelo pastor da sua igreja por não levar a Bíblia, ele não sabia que esta senhora era analfabeta "... foi a última vez que fui lá na igreja, de vergonha!" (ela disse). Dona Percília se sente atormentada todas as vezes que precisa tomar remédio e não sabe ler as bulas, nem a prescrição do médico. Dona Onofra relatou-nos que ficou horas esperando um funcionário para preencher o seu formulário de cadastramento do CPF. O Sr Osmar relatou-nos o constrangimento que sente quando, no seu trabalho, tem que atender ao telefone e, por não saber ler, não consegue informar os endereços solicitados ("... chego a molhar a camisa de apuro, e medo de perder o emprego"). Os outros depoimentos estão registrados, porém, não são possíveis de serem relatados, devido a restrição do espaço.

Com este grupo realizamos um trabalho de alfabetização para o letramento, trabalhando com diversos tipos de textos (que não são definidos não pela extensão, mas pelo significado) em diferentes suportes. Diferentes materiais foram elaborados como letras móveis, cartazes, crachás, fichas de leitura, para auxiliá-los na compreensão do sistema da escrita. Utilizamos metodologias variadas como: trabalho em grupo, individual, aulas expositivas/participativas, pesquisas orientadas e atividades de reflexões lingüísticas. A partir do segundo bimestre, foi introduzido o projeto "O Computador como uma ferramenta para auxiliar a alfabetização", trabalho que os incentivou muito. Além do trabalho em sala de aula, várias atividades de entrosamento social são oferecidas a esses alunos: festa da Páscoa, das mães, junina e de confraternização; visita ao Museu Histórico Francisco Honório de Campos e ao Memorial JK. Algumas excursões já estão agendadas para o próximo mês. Todos esses trabalhos visam auxiliar a apropriação da linguagem escrita em todas as suas funções sociais.

5. CONCLUSÕES PARCIAIS

Após cinco meses de acompanhamento, coleta e análise de dados a pesquisa em andamento tem proporcionado resultados gratificantes. Com o objetivo de conhecer os fatores determinantes da não-aprendizagem, apontados por eles, fizemos a opção de iniciar

com um trabalho metodológico diferenciado. O resultado desse trabalho foi eficaz, pois todos apresentaram progressos significativos. No último levantamento e análise dos dados, obtivemos o seguinte resultado: na produção de texto espontâneo, três alunos estão alfabetizados com dificuldades ortográficas, seis conseguem elaborar frases, utilizando o código com dificuldades (escrevem algumas palavras); os demais estão num processo de compreensão mais lenta sobre o sistema de escrita.

Devido a idade avançada da maioria dos alunos, percebemos que algumas dificuldades de aprendizagem decorriam de limitações visuais e auditivas. Para auxiliá-los foram providenciadas consultas médicas oftalmológicas, fonoaudiológicas, com a doação de óculos e aparelhos auditivos. Outros manifestam problemas de ordem motora que também influenciam no processo da escrita, porém ainda não houve condições de tratamento.

A pesquisa, ainda em andamento, necessita de tempo para responder todos os objetivos propostos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCOVERDE, Maria Divanira de Lima. *A inserção do sujeito no mundo da escrita*. In Revista do Programa Alfabetização Solidária. V.2, n.2, jan./jun.2002. S. Paulo: UNIMARCO, 2002.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu*. São Paulo: Scipione, 1999. (Pensamento e Ação no Magistério).

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Lingüística*. S. Paulo: Scipione, 1993.

CAGLIARI, Luiz Carlos. CAGLIARI, Gladis Massini. *Diante das Letras: a escrita na alfabetização*. Campinas, SP: mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB; S. Paulo: Fapesp, 1999 (Coleção Leituras no Brasil). p. 121 a 128.

DURANTE, Marta. *Alfabetização de adultos: leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FERNANDES, Dorgival Gonçalves Fernandes. *Alfabetização de jovens e adultos: pontos críticos e desafios*. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 31 a 40.

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre Alfabetização*. Trad. Horácio Gonzáles, 24.Ed. atualizada. S. Paulo: Cortez, 2002. Coleção Questões da nossa Época; v. 14. p. 16 a 41.

_____. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____. *Com Todas as Letras*. 3 ed. trad. Maria Zilda da Cunha Lopes; retrad. e cotejo de textos Sandra Trabucco. Venezuela. – São Paulo: Cortez, 1993. (Biblioteca da Educação – série 8 – Atualidades em Educação – v.2).

KRAMER, Sônia. *Alfabetização leitura e escrita*, Formação de professores em curso. São Paulo: Ática, 2001.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva (Org.) *Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas*. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

MELO, Orlinda Carrijo. *Alfabetização e Trabalhadores: o contraponto do discurso oficial*. Campinas. S. P: Editora Unicamp; Goiânia. GO: Editora UFG, 1997.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO. Secretaria da Educação Fundamental. *Viver, aprender: educação de jovens e adultos*. Guia do educador. Brasília, 1998.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1987. Editora Dimensão.

ROJO, Roxane. (Org.) *Alfabetização e Letramento: perspectivas lingüísticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização*. In *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte.

SOARES, M. B. *As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto*. In: ZILBERMAN, R. & Silva, E. T. *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. S. Paulo: Ática, 1988. p 18-29.

TERZI, S. B. A. *Construção da Leitura*. Campinas. S.P.: Editora UNICAMP/Pontes, 1995.

VIGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins

7. FONTE DE FINANCIAMENTO – PROLICEN/UFG.

ⁱ Bolsista de Iniciação Científica do PROLICEN. Campus Avançado de Jataí/UFG. danidanielsie@hotmail.com

ⁱⁱ Pesquisadora Colaboradora. Campus Avançado DE Jataí/UFG. marcialibra@ibest.com.br

ⁱⁱⁱ Pesquisadora Colaboradora. Campus Avançado de Jataí/ UFG. martamaia@jatainet.com.br

^{iv} Pesquisadora Orientadora. Campus Avançado de Jataí/UFG. hercilia@abenet.com